

Luciano Domingues Bueno¹ Paulo Sérgio dos Santos Júnior²
Livia Teixeira Canuto³ Adélia Augusta Souto de Oliveira⁴

Resumo

Discute a iconografia como instrumento metodológico de investigação e intervenção psicossocial, a partir dos conceitos vigotskianos de imaginação e criação. Descreve a construção de um acervo iconográfico (desenhos, fotografias e vídeos) produzido em pesquisas com crianças e jovens de comunidades litorâneas. O método utilizado identificou, catalogou, descreveu e interpretou imagens produzidas em investigações e intervenções psicossociais do Grupo de Pesquisa entre 2007 e 2012. O inventário resultou em 72 desenhos, 127 fotografias e 42 vídeos. Os resultados indicam o uso do método como *autoimagens* (desenhos e fotografias), *registro de ações* (vídeos e fotografias) e *acervo pessoal* (fotografias). A análise de conteúdo a partir dos conceitos de imaginação e criação identificou desenhos infantis como expressão da realidade da vida cotidiana; as fotografias demonstram a apropriação de elementos espaciais, históricos e culturais das comunidades e o protagonismo de crianças e jovens no contexto comunitário; os vídeos adicionam movimento e áudio aos processos identificados nas produções de desenhos e fotografias. Conclui-se que instrumentos iconográficos potencializam pesquisas e intervenções com crianças e jovens; a criação imagética permite a objetivação da imaginação e a expressão de subjetividades.

Palavras-chave: Iconografia; imaginação; criação; crianças; jovens.

Abstract

Discusses the iconography as a methodological tool for research and psychosocial intervention from Vygotsky's concepts of imagination and creation. Describes the construction of an iconographic collection (drawings, photographs and videos), produced in research with children and young people from coastal communities. The method identified, cataloged, described and interpreted images produced in psychosocial research and interventions of the Research Group between 2007 and 2012. The inventory resulted in 72 drawings, 127 photos and 42 videos. The results indicate the use of method as *self-images* (drawings and photographs), *actions recording* (videos and photographs) and *private collection* (photographs). The content analysis based on the concepts of imagination and creation identified children's drawings as expression of the reality of everyday life; the photographs demonstrate the spatial, historical and cultural appropriation of elements within the community and the protagonism of children and youth in the communitarian context; the videos adds motion and audio to the identified processes at the productions of drawings and photographs. In conclusion, the iconographic instruments potentiate research and interventions with children and youth; imagetive creation enables the objectification of imagination and the expression of subjectivities.

Keywords: Iconography; imagination; creation; children; youth.

¹ Aluno de graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. E-mail: lucianodbueno@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPgPsi)/UFAL. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (2010-2015). E-mail: paulosergio_@live.com

³ Mestranda no curso de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Psicóloga graduada no Curso de Psicologia da UFAL. E-mail: livia.tcanuto@gmail.com

⁴ Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas. Diretora do Instituto de Psicologia. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia na mesma universidade. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-doutorada em Psicologia Social pela Universidad de Barcelona. Integrante do GT da ANPEPP: A Psicologia Sócio-histórica no contexto de desigualdade social brasileiro. E-mail: adelasouto@ip.ufal.br

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a iconografia (desenho, fotografia e vídeo) enquanto ferramenta de investigação e intervenção psicossociais em estudos realizados com crianças e jovens de comunidades litorâneas. Utiliza os conceitos de criação e imaginação de Vigotski (1930/2009) e sua relação com a produção de imagens. Considera-se o crescente interesse pelo uso de recursos imagéticos na pesquisa psicológica de cunho qualitativo e, conseqüentemente, os espaços que fomentam a utilização metodológica de imagens para busca de informações.

Para tanto, utiliza-se o inventário de imagens produzido na atividade de Iniciação Científica junto ao Grupo de Pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica” do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (2014-2015). A presente proposta desenvolveu um inventário de imagens (desenho, fotografia e vídeo) de crianças e jovens de comunidades litorâneas produzidas em investigações e intervenções do referido grupo no período entre 2007 e 2012.

Buscamos, além de inventariar, compreender os contextos, modos e objetivos dessas produções, a fim de sistematizar os mesmos em uma metodologia que viabilize a utilização de tais processos, enquanto vias investigativas da produção de imagem no contexto da pesquisa em Psicologia.

Tem-se em perspectiva a produção de imagens enquanto recurso que media a objetivação da subjetividade (Derdyk, 1989; Ferreira, 2001; Gobbi, 2005; Zanella et al., 2005) e em sua característica de conhecer e explorar significados e sentidos (Martins, & Barbosa, 2010). Enfatiza-se ainda a importância cultural e histórica da imagem e sua influência que se apresenta na dimensão social, política e econômica (Loizos, 2002, p. 138). Sendo, portanto, um dos elementos presentes no meio com os quais o indivíduo social irá apoderar-se em seus processos

imaginativos e criativos, internalizando-os e utilizando-os em suas criações (Vigotski, 1930/2009).

Compreende-se que os recursos imagéticos permitem a expressão de significados e sentidos sem que se faça uso de métodos exclusivamente verbais (Martins & Barbosa, 2010). Discute-se a produção de imagens, tendo em vista a perspectiva sócio-histórica quanto “a dimensão expressiva das atividades artísticas” (Camargo & Bulgacov, 2008, p. 470):

Compreendemos como dimensão expressiva a característica das atividades artísticas que possibilita a auto-expressão, entendida como necessidade do indivíduo de comunicar seus pensamentos e emoções a outros indivíduos. [...] como pressupõe um dos princípios da psicologia sócio-histórica, é na atividade que o homem se constrói. A atividade a ser produzida não precisa, necessariamente, ser artística no sentido dos critérios artísticos. Nominamos atividades expressivas aquelas atividades que são próprias das artes (desenho, pintura, fotografia e escultura, entre outras), mas não respondem a seus critérios, ou seja, são utilizadas como estratégias de desenvolvimento, estratégias de auto-expressão, da construção de si (Camargo & Bulgacov, 2008, p. 470).

O presente artigo intercrucza dois eixos de discussão. Por um lado, as potencialidades do uso da imagem enquanto instrumento de pesquisa: disparador da memória dos sujeitos da pesquisa, registro produzido pelos participantes e ferramenta de auxílio ao pesquisador. Por outro lado, compreende-se a interpretação de conceitos como estratégia da crítica interna aos subsídios teóricos e metodológicos que orientam a ciência psicológica, permitindo assim, avançar em seus pressupostos.

Diante da necessidade de utilizar recursos tecnológicos para a produção do inventário de imagens, discute-se a intervenção tecnológica no contexto do fazer pesquisa em Psicologia. De acordo com Loizos (2002), estudos qualitativos mobilizam uma enorme quantidade de dados que são gerados durante a pesquisa. Os recursos tecnológicos atuais confrontam a dificuldade de organização e interligação de dados, tanto próprios da pesquisa quanto de dados provindos de outros trabalhos.

Entende-se ainda que os avanços tecnológicos ampliam as formas de comunicação e disponibilização de informações, tanto em seu caráter textual quanto imagético (Medina, 2013). Em relação à produção de imagens, destaca-se, do ponto de vista tecnológico, a câmera fotográfica e/ou de vídeo, devido, principalmente aos avanços na qualidade de captura da imagem e do som (Neiva-Silva & Koller, 2002). Desse modo, dialogamos com ferramentas computacionais de fácil acessibilidade, manutenção e disponibilização de informações em bancos virtuais.

Do ponto de vista teórico, discute-se a produção dos conceitos vigotskianos de imaginação e criação. Segundo Vigotski (1930/2009), no cerne da atividade de criação e do processo de imaginação estão as experiências vivenciadas pelo ser humano. Essas são fortemente marcadas pela cultura, vivências e relações estabelecidas com o outro. É importante salientar, enfatizando esses processos do ponto de vista do desenvolvimento infantil, que cada estágio etário apresenta diferentes manifestações de criação. Nessa perspectiva, Vigotski (1926/2003, 1930/2009) sugere que uma pessoa apresente maior potencial imaginativo conforme as experiências vivenciadas no decorrer da sua vida, visto que “[...] a principal fonte do comportamento imaginativo é a experiência real”, conforme afirma Vigotski (1926/2003, p.155).

Compreende-se que a fundamentação teórica em Vigotski (1926/2003, 1930/2009),

tendo como base os conceitos de imaginação e criação subsidia tanto a interpretação das imagens (desenho, fotografia e vídeo) em sua dimensão artística, quanto sobre os aspectos relacionados aos processos de criação observáveis na produção imagética. Visto que toda a produção humana se enquadra no campo da criação e imaginação, conforme afirma Vigotski (1930/2009),

a psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (p. 14).

MÉTODO

Desenvolveu-se um inventário de imagens (fotografias, vídeos e desenhos) produzidos por crianças e jovens de comunidades litorâneas, em pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica” no período entre 2007 e 2012.

Inicialmente foram exploradas possibilidades de armazenagem e organização dos materiais visuais provenientes de tra-

balhos anteriores do Grupo de Pesquisa, com o intuito de otimizar o acesso e disponibilizá-los em forma de banco de dados.

No primeiro momento, dois critérios foram definidos como indicadores da plataforma a ser utilizada para produção do banco de imagens: acessibilidade e segurança. A acessibilidade refere-se às condições sob as quais o banco se estrutura, disponibilizando um mecanismo de consulta às imagens de forma dinâmica, adequando-se às necessidades de quem fizer uso do ambiente.

Desse modo, optou-se pela tecnologia de armazenamento na nuvem (*cloud storage*), pela possibilidade de acesso sem a exigência de um local fixo, uma vez que o armazenamento do conteúdo presente no banco de dados não está localizado em uma unidade física, mas sim numa rede compartilhada e interligada através da internet, viabilizando uma maior mobilidade do processo de pesquisa. O segundo critério pensado, trata da segurança dos dados armazenados. Para garantir a segurança, selecionamos uma plataforma protegida por senha, com condições de estabelecer diferentes níveis de acesso às informações, tendo em vista a disponibilização do acesso.

Considerando os critérios mencionados, elegemos o serviço de computação na nuvem *Google Drive* que possibilita a criação de um *drive* virtual em uma rede compartilhada e interligada através da internet. Além disso, oferece um sistema de organização de arquivos com uso de pastas virtuais e categorias, potencializando, assim, o acesso aos dados disponibilizados.

A primeira base de arquivos armazenada no *drive* virtual foram materiais visuais e textuais que já estivessem em formato digital, coletados junto aos membros do Grupo de Pesquisa. Assim, foram identificados quatro projetos de pesquisa e seus materiais provenientes: imagens (desenhos, fotografias e vídeos), relatórios de pesquisa, diários de campo e análises interpretativas de imagens. Os desenhos dos participantes (crianças entre 6 e 11

anos e jovens entre 12 e 15) resultam das seguintes questões: como é ser criança e jovem na comunidade? Como foi a infância e juventude de seus pais e avós? Quais eram os contos e lendas que seus avós te contavam? Como você imagina que será a vida das crianças e jovens no futuro? As fotografias resultam da seguinte proposição: qual é o lugar de ser criança e jovem na comunidade? Você tem fotos antigas da comunidade?

A partir do material coletado desenvolvemos um padrão de organização, de modo a alocar em pastas e subpastas por projeto de pesquisa, catalogados e subdivididos de acordo com o tipo de documento (desenho/fotografia/vídeo/documentos textuais).

Em seguida, elaboramos um modelo de codificação para cada unidade de imagem que viabilizasse a catalogação e rastreabilidade das mesmas de forma acessível. Esse sistema de códigos está presente na ficha de catalogação de cada imagem e também a identifica na planilha presente no primeiro plano do *drive* virtual, com a finalidade de viabilizar o rastreamento e aperfeiçoar o acesso às informações das imagens armazenadas, assim como possíveis cruzamentos necessários de informações.

Desenvolvemos um modelo de codificação constituído por letras e números, a exemplo: F1/001. A letra maiúscula é o símbolo que se refere ao tipo de imagem (no exemplo, fotografia), utilizamos 'D' quando desenho e 'V' quando vídeo. O número que segue a letra indica o projeto ao qual a imagem está vinculada. A sequência numérica formada por três algarismos após a barra (/) representa a posição da imagem dentro do projeto do qual faz parte.

A codificação acaba criando outro tipo de dado, que ao ser anexado ao dado primário caracteriza-se como um tratamento do mesmo, além de viabilizar uma melhor manipulação através das ferramentas tecnológicas que o pesquisador utiliza – tal como o sistema de *hiperlinks*, que permite e facilita a busca instantânea dos arquivos.

A utilização do computador e as possibilidades contidas nele podem servir, uma vez aliado aos pressupostos teóricos e metodológicos do pesquisador, não unicamente para uma tarefa que tenha finalidade em si na esfera da análise dos dados, mas também como suporte instrumental para desenvolvimento de estratégias de análise, conforme indica Loizos (2002).

A etapa seguinte do nosso trabalho, concluído o armazenamento no *drive* virtual, consistiu na definição de categorias de análise organizadas em três níveis de tratamento das imagens que possibilitassem uma compreensão geral para os três tipos de recursos visuais (desenho, fotografia e vídeo) utilizados nesta investigação: dados de identificação primários (referentes a imagem); dados de identificação secundários (referentes ao projeto vinculado a imagem) e dados de identificação de conteúdo (elementos presentes na imagem).

A análise dos dados foi realizada com uso da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977/2006). Para tanto, partimos da quantificação e descrição das imagens, categorizadas pela presença de elementos visuais, do conteúdo constitutivo da imagem e de seu contexto. Os conceitos de imaginação e criação subsidiou a interpretação analítica dos desenhos, fotografias e vídeos.

Ressalta-se que os estudos primários foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (CEP/UFAL), podendo ser acessado a partir do número do protocolo: 026262/2008-19.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inventário iconográfico resultou em 246 imagens (72 desenhos, 127 fotografias e 47 vídeos), produzidas entre 2007 e 2012. Do ponto de vista do uso do método, os desenhos se apresentam como *autoimagens* produzidas pelos participantes da pesquisa. As fotografias atuam em três funções: *registros de ações* da pesquisa

(48 fotos); *autoimagens* quando de autoria dos participantes (21 fotos); e, *acervo pessoal* (58 fotos) em posse de moradores das comunidades em estudo. Os vídeos, por sua vez, foram identificados como *registros de ações* da pesquisa, em movimento e áudio; em sua função, destaca-se o registro de interações entre os participantes em seu contexto natural, além de situações de verbalização quanto à produção de desenhos e fotografias.

As imagens (desenhos, fotografias e vídeos) foram produzidas durante a realização dos estudos originais, com exceção das 58 fotografias do acervo pessoal da população local, que foram produzidas em outros contextos (anteriores à pesquisa).

ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE DESENHOS

A análise dos desenhos inventariados indica combinações de elementos que se inserem no cotidiano da vida comunitária, além de figurações que fazem parte do cotidiano infantil. Identificam-se nessas produções imagéticas experiências vivenciadas por esses sujeitos e experiências contadas e rememoradas. O espaço físico destaca-se por ser uma representação própria de comunidades litorâneas, em que a praia e a natureza demarcam esses lugares. Nesse sentido, entende-se que a produção de desenhos carrega em si o conhecimento prévio da criança, a projeção de conteúdos de sua memória, tal qual imaginam esses sujeitos. (Ferreira, 2001; Ferreira, 2011; Vigotski, 1930/2009). Sendo assim, a narração que se apresenta no desenho traduz as vivências que marcam o cotidiano infantil. Essas se mostram nas construções imaginativas desses sujeitos (Vigotski, 1930/2009).

Nessa direção, o desenho, enquanto instrumento de investigação com crianças, potencializa a projeção de sua memória e permite a apresentação de elementos que são previamente do conhecimento da criança.

A análise permitiu identificar aspectos representacionais do cotidiano infantil e da vida comunitária, dada a constante reprodução de determinados elementos nos desenhos produzidos por crianças de comunidades litorâneas. Assim, ainda que diversos espaços das comunidades estejam presentes nos desenhos, a saber, a escola, a igreja, casas e ruas, é possível afirmar que a praia assume a centralidade no contexto dessas comunidades, representada tanto em sua característica de ser um ambiente marcado por belezas naturais, quanto espaço de lazer.

Ainda do ponto de vista da frequência com que determinados elementos aparecem nas produções de desenhos. Os pares etários enquadram-se na qualidade de grupo representacional, geralmente reproduzidos em atividades e/ou objetos próprios do jogo infantil: brincadeiras, brinquedos, balões.

O sentido de pertencimento a esses espaços se apresenta na qualidade de sentimentos direcionados à comunidade, seja por expressão textual seja por elementos visuais (representados no ideograma que designa o coração). Corrobora-se assim que o desenho infantil permite a expressão de ideias, emoções, vontades e o modo como esses sujeitos apreendem a realidade (Gobbi, 2008; Natividade, Coutinho & Zanella, 2008).

ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE FOTOGRAFIAS

As fotografias inventariadas e catalogadas apresentam, enquanto função de método, três diferentes formas de uso na pesquisa em Psicologia: *autoimagens*, *registro de ações* e *acervo pessoal*.

A fotografia em sua função de autoimagem é construída a partir do olhar do fotógrafo, embora represente o recorte da pesquisa, é a representação que autor da imagem confere ao fenômeno em estudo (Justus & Vasconcelos, 2009; Manini, 2004; Santaella, 1998). Enquanto *registro de*

ações da pesquisa, possibilita documentar ações que desenvolvem em seu contexto natural, sendo assim, um registro ampliado da situação em estudo para além dos registros textuais: diários de campo, relatórios de campo, etc. (Flick, 2004). Na modalidade *acervo pessoal* atua como registros imagéticos produzidos em outros contextos, carrega em si, aspectos, no sentido histórico e cultural, do fenômeno em estudo.

A fotografia, independente da sua função de método, é posta como fragmento do real (Justos & Vasconcelos, 2009), pois, carrega em sua composição “a dimensão da história, da cultura e das relações sociais” (Martins, 2002, p. 224). De acordo com Zanella et al. (2005), na criação artística, incluindo nesse campo a produção fotográfica, “o ser humano se objetiva e subjetiva, transformando realidades, criando significados para si e para os outros” (p. 198).

A análise das fotografias identificou as formas de relações que os sujeitos da pesquisa estabelecem entre si e com os espaços comunitários em seu contexto diário. Destaca-se assim a centralidade da praia, frequentemente representada nas fotografias. Podemos então afirmar esse lugar como representativo, na medida em que, as produções fotográficas indicam que é, principalmente, nesse ambiente, no contexto das comunidades litorâneas, que a vida comunitária se realiza. Nessa direção, enfatiza-se a identidade da economia e cultura de pesca entre os moradores locais, visto que, em quantidade relevante de fotografias, há a presença do barco e da rede de pesca.

As produções fotográficas apontam ainda outros ambientes comunitários para o convívio público, tais como, o prédio da escola, o posto de saúde, a praça, a igreja, a ponte, ruas, em meio à presença de pessoas interagindo, crianças brincando. A partir da análise das fotografias é possível afirmar outro tipo de cultura econômica no contexto das comunidades litorâneas, marcada pela forte expressão da indústria do turismo, de modo que se sobressai dentre as produções

fotográficas, o retrato de ônibus com logomarcas de empresas de turismo. Além disso, a representação do comércio local voltado ao artesanato indica a economia turística como outro meio de subsistência no contexto das comunidades.

Destoa do conjunto de fotografias uma única imagem que contrasta as belezas naturais frequentemente retratadas nas produções fotográficas: essa expõe um esgoto a céu aberto. Esse contraste isolado parece-nos se inserir no plano da denúncia, ao expor aspectos negativos de ambientes reconhecidos, pelos moradores locais e por seus visitantes, por sua extensa beleza natural.

Enquanto *registro de ações* da pesquisa, a análise identificou crianças e jovens em interação com seu ambiente natural (Flick, 2004). Essas imagens retratam os sujeitos da pesquisa interagindo e apropriando-se dos espaços físicos das comunidades litorâneas, demonstrando assim, a expressão afetiva, histórica e da cultura que esses sujeitos desenvolvem com o seu território, em sua dimensão de pertencimento.

As fotografias resgatadas junto aos moradores mais antigos presentes nas comunidades litorâneas, em sua função de método, denominamos de *acervo particular*. As fotografias foram produzidas em contextos anteriores às pesquisas primárias que fizeram a coleta dessas imagens. Destaca-se seu caráter de registro histórico das comunidades litorâneas, evidenciando as transformações e permanências espaciais, culturais e sociais nesse contexto. Loizos (2002) informa sobre essa qualidade da fotografia histórica ao tratar sobre o uso desse recurso na pesquisa de cunho qualitativo: “a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso, das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais” (p. 137).

Portanto, esse tipo fotografia, de registro histórico, tem entre suas contribuições para a pesquisa em Psicologia a qualificação de fomentar o conhecimento e a

memória psicossocial dos sujeitos da pesquisa. Visto que são importantes documentos que retratam a história e a cultura que marcam o desenvolvimento de seu território. Em nossa análise, ao contextualizar a representação das imagens, permitiu-se identificar as primeiras transformações no espaço físico das comunidades litorâneas em que os estudos primários foram desenvolvidos: ruas em processo de asfaltamento, grande quantidade de automóveis, início da movimentação turística etc.

A relevância da fotografia histórica se apresenta na possibilidade de para além da retrospectiva, fazer comparações com fotografias atuais produzidas nas mesmas comunidades litorâneas, para assim, identificar permanências e rupturas que delimitam os momentos distintos de produção das imagens. Tendo em vista a função de evidência documentada desse tipo de fotografia.

ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE VÍDEOS

O inventário iconográfico permitiu a coleta e análise de 47 vídeos com total de 5 horas, 30 minutos e 50 segundos (5h 30min 50seg) de filmagens. A análise identificou sua função de método como *registro de ações* da pesquisa, produzidas no contexto de realização.

Para a análise dos vídeos, procedemos com a catalogação e sistematização do conteúdo das filmagens. Esses procedimentos permitiram a identificação de dois momentos de produção das imagens. Do número total de vídeos (47 videograções), 34 correspondem a registros de situações da pesquisa em seu desenrolar e em seu campo natural; 13 vídeos como documentação audiovisual da 9ª Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (de 2012).

A análise de conteúdo identificou três (03) vídeos como teste de câmera, a partir do manuseio da ferramenta para focalizar e enquadrar um objeto qualquer específico.

Os outros 31 vídeos são registro de ações desenvolvidas durante a pesquisa com crianças e jovens: produção de desenhos e verbalização sobre os desenhos; produção de imagens fotográficas com crianças; registro dos lugares e dos contatos que crianças e jovens estabelecem com os espaços da comunidade.

Já os 13 vídeos que documentam interloquções no contexto da 9ª Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, de 2012, são registros de falas de participantes do evento (crianças, jovens, pesquisadores, autoridades institucionais e membros da sociedade em geral) sobre os direitos da criança e do adolescente e políticas e ações públicas voltadas para essa população.

A análise das filmagens demonstra o protagonismo de crianças e jovens na apropriação dos espaços da comunidade e na tradução de suas demandas. Os vídeos produzidos nas comunidades litorâneas, em consonância com as produções de desenhos e fotografias, ratificam espaços centrais do convívio comunitário, de lazer e laboral, principalmente o caráter representacional da praia nesse contexto de estudo. Já as filmagens que documentam interlocutores no âmbito da Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente destacam-se pela postura crítica com que crianças e jovens discutem questões relacionadas à infância e juventude.

O vídeo, em sua função de captação audiovisual, possibilita que o pesquisador registre e analise o fenômeno em profundidade, visto que permite um registro em detalhe da situação em estudo em seu campo natural, das interações que acontecem em seu desenvolvimento (Flick, 2004; Pinheiro, Kakehashi & Angelo, 2005). Nessa direção, pontua Loizos (2002), “o vídeo tem a função [...] de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola” (p. 149).

O uso do recurso audiovisual para registro de ações de pesquisa com crianças e jovens se apresenta relevante, principalmente, quando o pesquisador se depara com as limitações que se inter cruzam ao trabalhar com criação artística de crianças e jovens como objeto de estudo. Destaca-se que a imagem em movimento supera a dificuldade de verbalizar e de descrever que, por vezes, interpõe-se na pesquisa.

O recurso audiovisual se apresenta como instrumento de grande relevância em pesquisas com esses sujeitos, na medida em que capta diversas ações e conteúdos que podem passar despercebidos pela simples observação do pesquisador, a saber: verbalização, expressões faciais, incômodos, dinâmica das relações etc. (Garcez, Duarte & Eisenberg, 2011).

Nessa direção, o uso da filmagem viabiliza o registro e retomada de atividades em sua processualidade, visto que se apresenta mais flexível que o registro fotográfico ao capturar o movimento da ação, além de trazer consigo o acréscimo do áudio.

CONCLUSÃO

A análise do inventário iconográfico demonstrou a relevância do uso de instrumentos imagéticos para a investigação e intervenção psicossocial. Ressalta-se que, para além da exploração da imagem como recurso metodológico, destaca-se sua importância de documento visual, em sua potencialidade de conhecer a memória psicossocial e contar a história dos lugares em que os estudos primários foram produzidos.

Tendo em vista as qualificações das ferramentas (áudio) visuais, concluímos que o desenho facilita a coleta de informações com crianças, na medida em que permite a expressão de aspectos da realidade desses sujeitos, retrata experiências e vivências. Enquanto projeção da memória, o desenho não é uma reprodução exata, em termos gráficos, do que a criança observa, mas do que para ela tem algum significado,

é, portanto, criação da sua imaginação (Vigotski, 1930/2009). A fotografia, em termos de conteúdo visual expresso, possibilita um registro mais fiel do fenômeno em estudo em contraste ao desenho, visto que dentre suas principais qualidades, está sua função de registro do real, em que o enquadramento que o fotógrafo confere carrega em si sua própria interpretação sobre o fenômeno em estudo (Manini, 2004). O vídeo, por sua vez, ao captar o movimento e som, permite um registro mais fidedigno e uma análise mais detalhada do fenômeno em estudo, sendo assim, importante suporte que o pesquisador pode fazer uso quando o objeto de estudo é complexo de ser observado e registrado em documentos textuais (Flick, 2004; Loizos, 2002).

Portanto, a identificação das funções de método do desenho, da fotografia e do vídeo, a saber: *autoimagens, registro de ações e acervo pessoal* permitiu a exploração e descrição das estratégias de uso da imagem na pesquisa psicossocial. Já a interpretação analítica das imagens (desenho, fotografia e vídeo) a partir dos conceitos de imaginação e criação de Vigotski (1930/2009) indicou representações da realidade cotidiana e da vida comunitária conforme crianças e jovens apreendem os seus significados.

Conclui-se que diante dos resultados alcançados, corroboramos com a compreensão de que a produção imagética (criação artística) em pesquisas de investigação e intervenção atua no sentido de objetivação da subjetividade (Zanella et al., 2005). Em outras palavras, reafirmamos que a subjetividade se desenvolve e se expressa e partir da mediação artística.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Camargo, D., & Bulgacov, Y. L. M. (2008). A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 467-475. doi: dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000300007
- Derdyk, E. (1989). *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. (5a ed.). São Paulo: Scipione.
- Ferreira, S. (2001). *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. (2a ed.). Campinas: Papirus.
- Ferreira, S. M. O. (2011). *A imaginação de palácio e a mediação das imagens da cidade na educação infantil de vitória*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Garcez, A., Duarte, R., & Eisenberg, Z. (2011). Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 36(2), 249-262. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011000200003
- Gobbi, M. (2005). Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In A. Faria, Z. Demartini & P. Prado (Eds.), *Por uma cultura da infância: Metodologias de pesquisa com crianças*. (2a ed.). Campinas: Autores Associados.
- Gobbi, M. (2008). Desenho e fotografias: marcas indiciárias das culturas infantis. *Contexto e Educação*, 79(23), 199-221. Recuperado em 20 novembro, 2014, de <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1060>
- Justus, J. S., & Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 9(3), 760-774. Recuperado

- de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a13.pdf>
- Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (p. 137-155). (P. A. Guareschi, Trad.). (6a ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Manini, M. P. (2004). Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. *Cenário Arquivístico*, 3(1), 16-28. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/pt-br.php>
- Martins, J. S. (2002). A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. *Estudos Avançados*, 16(45), 223-260. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200015>
- Martins, A. J. M., Filho, & Barbosa, M. C. S. (2010). Metodologias de pesquisa com crianças. *Revista Reflexão e Ação*, 18(2), 08-28. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v18i2.1496>
- Medina, A. L., Filho (2013). Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. *Psicologia Social*, 25(2), 263-271.
- Natividade, M. R., Coutinho, M. C., & Zanella, A. V. (2008). Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, 1(1), 9-18. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>
- Neilva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/23109>
- Pinheiro, E. M., Kakehashi, T. Y., & Angelo, M. (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 717-722. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>
- Santaella, L. (1998). Os três paradigmas da imagem. In E. Samain (Org), *O fotográfico* (pp. 303-325). São Paulo: Hucitec/CNPq.
- Vigotski, L. S. (2003). *Psicologia Pedagógica* (C. Schilling, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1926).
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: ensaio para professores* (Z. Prestes, Trad.). São Paulo: Ática. (Obra original publicada em 1930).
- Zanella, A. V., Reis, A. C., Camargo, D., Maheirie, K., França, K. B., & Da Ros, S. Z. (2005). Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. *PsicoUSF*, 10(2), 191-199. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712005000200011
- RECEBIDO EM: 23/04/2016
APROVADO EM: 02/09/2016